



ILUSÃO E MÉTODOS DE ORAÇÃO

Santo Inácio Brianchaninov

Sua mente foi enganada: provou o fruto proibido por Deus. A fruta parecia bela com um olhar curioso e descuidado; a fruta parecia ser bela pela ignorância, inexperiência, inocência; o conselho malicioso e astuto persuadiu-a a comer; alimentar-se do fruto atingiu aquele que comeu com a morte. A amargura do veneno da comida ainda espuma em sua boca; o seu interior é atormentado pela ação do veneno. A confusão, a perplexidade, a obscuridade, a incredulidade abrangem a sua alma. Esgotado, frustrado pelo pecado, você olha para trás, antes sendo conduzido ao reino de Deus ...

(Lucas VI, 62. Lam. 1.)

Discípulo: Dê um conceito preciso e detalhado sobre engano espiritual [ilusão, plani, prelest, delírio, delusão espiritual, decepção espiritual – todas essas palavras em português são sinônimas]. O que exatamente é essa condição?

Ancião: Ilusão espiritual é a lesão da natureza humana pela mentira. O engano espiritual é o estado de todos os homens sem exceção, e foi possível em razão da queda de nossos primigênios pais. Todos nós estamos sujeitos ao engano espiritual. A consciência desse fato é a maior proteção contra ele. Da mesma forma, o maior engano espiritual de todos é considerar-se livre disso. Todos somos enganados, todos iludidos; todos nos encontramos numa condição de mentira; todos nós precisamos ser libertados pela Verdade. A verdade é Nosso Senhor Jesus Cristo (Jo 8:32-14: 6). Assimilemos essa Verdade pela fé; deixe-nos clamar em oração por esta Verdade e isso nos tirará do abismo da decepção demoníaca e do autoengano. Cruel é o nosso estado! Essa é a prisão da qual suplicamos que nossas almas sejam libertas

para que possamos confessar o Nome do Senhor (Salmo 141: 8). Essa é a terra sombria em que nossa vida foi lançada pelo inimigo que nos odeia e nos persegue. Essa é a mente-carnal (Romanos 8: 6) e a falsamente chamada ciência (I Tim. 6:20) com o qual o mundo inteiro está infectado, recusando-se a reconhecer sua doença, insistindo, antes, na floração da saúde. É essa «carne e sangue» que «não pode herdar o Reino de Deus» (I Cor. 15:50). É a morte eterna que é curada e destruída pelo Senhor Jesus, que é «a Ressurreição e Vida» (Jo 11:25). Tal é o nosso estado. E o reconhecimento dele é uma nova razão para lamentar. Com lágrimas, clamamos ao Senhor Jesus para nos tirar desta prisão, para nos tirar das profundezas da terra e para nos arrancar da boca da morte! «Por causa disto, Nosso Senhor Jesus Cristo desceu até nós», diz o venerável Simeão, o Novo Teólogo, «porque ele queria nos resgatar do cativo e do pior engano espiritual».

Discípulo: Eu não compreendo suficientemente a sua explicação. Eu preciso de uma explicação mais simples, mais de acordo com o meu entendimento.

Ancião: O meio pelo qual o anjo caído trouxe a ruína à raça humana através da mentira (Gênesis 3:13). Por esta razão, o Senhor chamou o diabo «mentiroso, e o pai da [mentira]... assassino desde o início» (Jo 8:44). Vemos que o Senhor associou intimamente a noção de mentira com a noção de assassinato; pois o último é a consequência inevitável da primeira. As palavras «desde o início» indicam que, desde o início, o diabo usou a mentira como uma arma para o assassinato dos homens, para a ruína dos homens.

O princípio do mal está no pensamento falso. A fonte do autoengano e da decepção demoníaca é o pensamento falso. Por meio da mentira, o diabo infectou a humanidade em sua própria raiz, nossos primeiros pais, com a morte eterna. Pois os nossos primeiros pais foram enganados, ou seja, eles reconheceram a mentira como a verdade, e tendo aceitado a mentira sob a aparência da verdade, eles se feriram incuravelmente com o pecado mortal, como atesta a nossa ancestral Eva, quando disse: «A serpente me enganou e eu comi.» (Gn 3:13). Desde então, nossa natureza, infectada com o veneno do mal, voluntariamente ou involuntariamente, inclinou-se para o mal que, para nossa vontade pervertida, razão distorcida e coração corrupto, apresenta-se como bom. Digo voluntariamente porque ainda existe dentro de nós um remanescente da liberdade de escolher entre o bem e o mal. E eu digo involuntariamente porque esse remanescente de liberdade não funciona como uma liberdade completa, mas sob a inevitável influência da ferida do pecado. Tal é o caso de todo ser humano e não poderia ser de outra forma; e por esta razão, todos nós, sem exceção, nos encontramos em um estado de autoengano e decepção demoníaca. A partir dessa visão do estado do homem em relação ao bem e ao mal, estado que é necessariamente característico de cada ser humano, chegamos à seguinte definição de decepção espiritual que a explica de forma satisfatória: o engano espiritual é a assimilação pelo homem de uma mentira que ele aceita como verdade. O engano espiritual

age primeiro segundo o modo de pensar; ao ser aceito e ter pervertido os processos de pensamento, é imediatamente comunicado ao coração cuja sensibilidade distorce; tendo dominado a essência do ser do homem, infiltra em cada uma de suas atividades e envenena o próprio corpo que o Criador uniu indissolivelmente à alma. O estado de decepção espiritual é o estado de perdição ou morte eterna.

Desde o momento da queda do homem, o diabo tem acesso livre a ele. O diabo tem direito a este acesso, pois, por meio da obediência a ele, o homem voluntariamente se submeteu à sua autoridade e rejeitou a obediência a Deus. No entanto, Deus redimiou o homem. Para o homem redimido, ele deu a liberdade de se submeter a Deus ou ao diabo; e para que esta liberdade pudesse manifestar-se sem qualquer compulsão, o diabo tem permissão de acesso ao homem. É bastante natural que o diabo faça todos os esforços para manter o homem em sua antiga sujeição, ou ainda para escravizá-lo ainda mais, de forma completa. Para conseguir isso, ele implementa sua arma primordial e costumeira – a mentira. Ele se esforça para nos iludir e nos enganar, contando com nosso estado de autoengano. Ele estimula nossas paixões, nossas inclinações doentes. Ele investe suas demandas perniciosas com uma aparência atraente e se esforça para nos atrair para satisfazê-las. No entanto, aquele que é fiel à Palavra de Deus não se permitirá fazer isso; ele irá conter as paixões e, assim, repelir os assaltos do inimigo (ver Jas 4: 7); lutando contra seu próprio engano sob a orientação do Evangelho, subjugando suas paixões e, gradualmente, destruindo a influência dos espíritos caídos sobre si mesmo, ele passará, por etapas, do estado de decepção ao reino da verdade e da liberdade (ver Jn 8:32), cuja plenitude será dada através do ofuscamento da graça divina. Aquele que não é fiel ao ensinamento de Cristo, que segue sua própria vontade e conhecimento, se submeterá ao inimigo e passará de um estado de autoengano para um engano demoníaco, perderá o que resta de sua liberdade e por fim se tornará totalmente escravizado pelo diabo. O estado daqueles que são demoníacamente iludidos varia, dependendo da paixão pela qual o indivíduo particular é enganado e escravizado, e correspondendo ao grau em que ele é escravizado por essa paixão. E todos aqueles que caíram em ilusão demoníaca, ou seja, aqueles que, através do desenvolvimento de seu autoengano, entraram em comunhão com o diabo e foram escravizados por ele, são templos e instrumentos dos demônios, vítimas da morte eterna, da vida nas masmorras do inferno.

Discípulo: Enumere para mim os tipos de engano demoníaco que resultam do exercício impróprio da oração.

Ancião: Todas as formas de engano demoníaco que o atleta da oração é sujeito surgem do fato de que o arrependimento não foi estabelecido como o fundamento da oração, que o arrependimento não foi feito a fonte, a alma, o objetivo da oração. São Gregório Sinaíta diz: «Se alguém quiser alcançar estados de oração elevados com autoconfiança baseada numa concepção do

mérito de si mesmo, e não adquiriu o verdadeiro zelo, mas aquele do diabo, este facilmente o enredará em suas armadilhas como seu escravo.» Todo aquele que se apressa para o banquete das bodas do Filho de Deus, não com as vestes limpas e radiantes forjadas pelo arrependimento, mas sim com os velhos trapos de pecaminosidade e autoengano, serão lançados na escuridão exterior, em enganos demoníacos. «Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas. Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê, pois, zeloso e arrepende-te», (Apocalipse 3:18,19). Arrependimento e tudo o que o compreende, tal como: contrição ou labuta de espírito, lamentação do coração, lágrimas, auto reprovação, lembrança e pressentimento da morte, o julgamento de Deus e os tormentos eternos, a consciência da presença de Deus, o temor de Deus – são todos dons de Deus, dons de grande valor, dons básicos e representam a nossa garantia de dons mais elevados e eternos. O último você nunca pode receber a menos que você tenha recebido o primeiro. «Por maior que seja a vida que possamos levar», diz São João Clímaco, «podemos considerá-la como pútrida e espúria, se não adquirimos um coração contrito» (Escada da Divina Ascensão, VII, 64). O arrependimento, a contrição de espírito e a lamentação são sinais que atestam a correção do feito de nossa oração. A ausência, por outro lado, é um sinal de inclinação para a falsa direção, autoengano, decepção e esterilidade. Um ou outro, engano ou esterilidade, é a consequência inevitável do exercício incorreto da oração, e o exercício incorreto da oração está inextricavelmente ligado ao autoengano.

O método de oração mais perigoso e mais incorreto é quando aquele que está orando fabrica, pela força de sua imaginação, sonhos ou imagens, emprestando-as ostensivamente das Sagradas Escrituras, mas, na realidade, de sua própria pecaminosidade e autoengano. Por meio dessas imagens, ele se atrai para a autoestima, vaidade, presunção e orgulho. É evidente que tudo o que é fabricado pela imaginação de nossa natureza caída e pervertida pela queda da natureza não existe na realidade. Não é senão a fantasia e mentira tão características e amadas de Satanás, o anjo caído. Com o primeiro passo que ele toma no caminho da oração, o sonhador se afasta do reino da verdade e entra no reino da mentira, o reino de Satanás e se submete voluntariamente à influência de Satanás. São Simeão, o Novo Teólogo, descreve a oração do sonhador e seus frutos assim: «Ele levanta os braços, os olhos e a mente para o céu; e ele fantasia em sua mente encontros divinos, bênçãos celestiais, as fileiras dos santos anjos, as moradias dos santos...» em suma, tudo o que ele ouviu nas Escrituras Divinas, ele reúne em sua imaginação. ele contempla tudo isso durante suas orações e olha para o céu, e estimula sua alma para o desejo e o amor divino, e às vezes ele até derrama lágrimas e chora. Seu coração, portanto, cresce gradualmente mais audaz, sem que ele mesmo esteja consciente disso. Não só isso, mas ele também assume que o que está acontecendo com ele é fruto da graça divina, conferida a ele pelo Senhor para

a sua consolação, e ele pede ao Senhor que lhe garanta que possa permanecer em tal atividade espiritual. Isso é um sinal de engano. Esse tipo de pessoa não pode deixar de estar sujeito ao delírio e à insanidade, apesar de observar a perfeita oração de reclusão. E mesmo que ele consiga evitar tal desastre espiritual, ele nunca mais adquire uma mente espiritual, virtude ou estado livre das paixões. Desta forma, aqueles que viram a luz e o brilho com seus olhos físicos, que saboreiam fragrâncias doces com o seu olfato, e ouviram vozes com os ouvidos, foram enganados. Alguns deles se tornaram possuídos por espíritos malignos e vagaram, perturbados, de um lugar para outro; outros aceitaram um demônio que se transformou em um anjo de luz e foi enganado e permaneceu sem corrigir até o fim de suas vidas, recusando o conselho de alguns dos irmãos; ainda outros, instruídos pelo diabo, suicidaram-se; alguns se lançaram em abismos, outros se enforcaram. Quem pode enumerar os múltiplos enganos do diabo que ele usa para enganar e que são inescrutáveis? Qualquer homem qualificado pode aprender com o que dissemos quanto ao dano decorrente desse tipo de oração. Tais infortúnios ocorrem principalmente com eremitas que levam uma vida solitária, mas é possível que alguns dos que orem incorretamente não caiam em uma das calamidades descritas acima porque vivem em comunidade com os irmãos; todavia, essa pessoa gasta sua vida inteira em vão.

Todos os santos Padres que descreveram a luta da oração mental proibiram não apenas os devaneios arbitrários, mas também o consentimento de nossa vontade e simpatia com os sonhos e as aparições que podem apresentar-se de forma inesperada independentemente da nossa vontade. Isso acontece durante o exercício da oração, particularmente no meio da quietude. «Aceite sob nenhuma circunstância», diz São Gregório do Sinai, «se você perceber qualquer coisa, seja por seus olhos físicos ou sua mente, seja fora ou dentro de si mesmo, mesmo que esse seja o rosto de Cristo, de um anjo ou de algum santo, ou qualquer luz que apareça para você. Seja cuidadoso e cauteloso! Não se permita consentir, não expresse simpatia ou consentimento, não se apresse em confiar em uma aparição, mesmo que se revele genuína e boa. É melhor permanecer frio e distante em relação a ela, constantemente preservando a sua mente sem imagens, livre de quaisquer representações e sem marcas. Aquele que percebe algo em pensamento ou com os sentidos, mesmo que provenha de Deus, e que se apressa em aceitar a aparição, facilmente entra em decepção e, em última instância, revela sua inclinação e capacidade para tal, pois ele aceita as aparências prontamente e sem discriminação. O iniciante deve dirigir toda a sua atenção para a atividade do coração apenas e considerar apenas isso como não-delusivo. ele não deve realizar nada mais até que tenha alcançado a despaixão [*dispassion*, *apathea*]. Deus não se irrita com aquele que, com medo do engano, se protege com extrema cautela e, portanto, não aceita alguma visão enviada por Deus, sem considerar o que foi enviado com todo cuidado. Pelo contrário, tal pessoa será louvada por Deus por seu pensamento claro.» Como exemplo, podemos examinar a vida de São

Anfilochio. Ele entrou no monaquismo na sua juventude, e em seus anos maduros e já idoso, ele foi considerado digno de levar a vida de eremita no deserto. Confinando-se numa caverna, ele treinou-se em quietude e foi bem-sucedido. Depois de quarenta anos de vida solitária, um anjo apareceu a ele uma noite e disse: «Anfilochio! Vá para a cidade e pastoreie a ovelha espiritual!» Anfilochio, no entanto, permaneceu imperturbável e não prestou atenção ao comando do anjo. Na noite seguinte, o anjo novamente apareceu e repetiu seu comando, acrescentando que foi enviado por Deus. E, mais uma vez, Anfilochio não se submeteu ao anjo, temendo que ele fosse enganado e consciente das palavras do Apóstolo, que Satanás pode aparecer até mesmo como um anjo de luz (II Coríntios 11:14). Mas o anjo voltou mais uma vez na terceira noite, glorificando a Deus para assim convencer Anfilochio, pois, como é geralmente sabido, os espíritos rejeitados não podem suportar isso. Então o anjo pegou o velho pela mão, levou-o para fora da cela e conduziu-o para a igreja próxima. As portas da igreja se abriram. A igreja estava iluminada com uma luz celestial e uma multidão de homens santos com vestes brancas eram visíveis, com os rostos brilhando como o sol. eles consagraram Anfilochio como bispo da cidade de Iconium. Em contraste com este, o venerável Isaac e Nicetas das Cavernas da Lavra de Kiev, ainda novos e inexperientes na vida solitária, ingenuamente acreditaram numa visão que lhes apareceu e, portanto, caíram no mais terrível infortúnio. Para o primeiro, uma multidão de demônios lhe apareceu em luz; um deles assumiu o disfarce de Cristo e o restante, dos santos anjos. O último foi primeiro enganado por um demônio por meio de uma doce fragrância e voz, mais tarde aparecendo abertamente sob disfarce de um anjo. Os monges que são experientes na vida monástica, monges verdadeiramente santos, temem muito mais o engano, mostram uma desconfiança muito maior do que os iniciantes que são apanhados com fervoroso zelo pela luta ascética. O venerável Gregório do Sinai, o Hesicasta, com amor sincero, nos adverte a nos proteger contra o engano. «Eu desejo», escreve o santo em um livro escrito principalmente para aqueles que oram solitariamente, «que você tenha uma compreensão claramente definida da ilusão. Eu desejo isso com o objetivo em mente que você possa se preservar da delusão, que, em uma luta que não tenha sido iluminada pelo conhecimento necessário, você não inflija grandes danos sobre você e destrua sua alma. Pois o livre arbítrio do homem se inclina facilmente para a amizade com nossos adversários, particularmente a vontade daqueles que são inexperientes e novos na luta, pois ainda estão no poder dos demônios.» Que verdade! Nosso livre arbítrio inclina-se para o engano, porque cada delusão bajula nossa autoestima, nossa vaidade, nosso orgulho. «Os demônios estão perto e cercam os iniciantes e os arbitrários, espalhando em seu caminho as armadilhas de pensamentos malignos e fantasias perniciosas, cavando abismos para que caiam. A cidade dos noviços,» ou seja, o ser inteiro de cada um deles individualmente, «ainda está sob a soberania dos bárbaros... Portanto, não se apresente em entregar-se àquilo que aparece para você, mas permaneça sério, conservando-se para o

que é bom com muita cautela e rejeitando o que é mau... Saiba também que os efeitos da graça são sempre claros; o demônio é incapaz de produzi-los: ele não pode dar mansidão, gentileza ou humildade ou ódio ao mundo, e ele não impede as paixões de voluptuosidade, como a graça faz. Estes são os efeitos do diabo: presunção, altivez, medo – em uma palavra, todas as formas de malícia. Portanto, pela atividade, você poderá discernir a luz que resplandece em sua alma, seja de Deus ou de Satanás.» Devemos saber, é claro, que tal vigilância é propriedade de monges avançados, nunca de iniciantes. O venerável Gregório do Sinai, é verdade, está conversando com um iniciante, mas, como é evidente no livro, um iniciante na vida de quietude orante que era, de acordo com os anos que passou no monaquismo e sua idade, já um ancião.

Referência:

As Obras do Bispo Inácio (Brianchaninov), Vol. I (Experiências Ascéticas), pp. 129-135.